



Ampliação e Aprofundamento dos Conhecimentos Teológicos das Religiões

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Lousana de Jesus Santana
(Organizadores)

 **Atena**
Editora
Ano 2021



Ampliação e Aprofundamento dos Conhecimentos Teológicos das Religiões

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Lousana de Jesus Santana
(Organizadores)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ampliação e aprofundamento dos conhecimentos teológicos das religiões

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Lousana de Jesus Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A526 Ampliação e aprofundamento dos conhecimentos teológicos das religiões / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Lousana de Jesus Santana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-794-9

DOI 10.22533/at.ed.949210802

1. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Santana, Lousana de Jesus (Organizadora). IV. Título.
CDD 210

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES


Atena
Editora
Ano 2021

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

“O mundo é um livro, e quem fica sentado em casa lê somente uma página”

Santo Agostinho

Prezados leitores, saudações.

Com esta obra, queremos, fazer um convite a vocês: venham ampliar e aprofundar conhecimentos nos temas – teologia e religião, vistos a partir da lupa das ciências humanas e sociais. Uma obra organizada em várias mãos, e por olhares advindos de vários contextos, que trazem aspectos significativos sobre os conhecimentos teológicos das religiões em liames com temas como: Cuidar; Espiritualidade; Sagrado; Espiritismo; Teologia da Libertação; Neopentecostais; Pentecostais; Ensino Religioso; Geografia da Religião; Epistemologia; Arte sacra; Agnosticismo, entre outros. Estruturada em 12 capítulos teóricos a obra “Ampliação e Aprofundamento dos Conhecimentos Teológicos das Religiões” se configura como um trabalho interdisciplinar, que retrata leituras, posicionamentos e resultados de estudos desenvolvidos por pesquisadores desse nosso imenso Brasil. Uma obra, que chega num momento histórico marcado por uma pandemia mundial, que tem levado muitos homens e mulheres a refletirem sobre o Sagrado, se aproximarem da fé e zelar pela vida – sua, e do outro -.

“Toma cuidado com o homem de um só livro”

São Tomás de Aquino

Boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Lousana de Jesus Santana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX: INTERFACES COM A LAICIDADE DO ESTADO FRANCÊS	
<i>Artur Cesar Isaia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9492108021	
CAPÍTULO 2	17
INSERÇÃO DOS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS NA POLÍTICA NACIONAL: INFLUÊNCIA DA LIDERANÇA E DA IDEOLOGIA NA VISÃO POLÍTICA E NA RELAÇÃO COM O VOTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS	
<i>Ettore de Carvalho Oriol</i>	
<i>Marcus Brauer</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9492108022	
CAPÍTULO 3	25
EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE, UMA REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS NO BRASIL	
<i>Germana Ponce de Leon Ramírez</i>	
<i>Andressa Dias da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9492108023	
CAPÍTULO 4	32
ESPIRITUALIDADE CONJUGAL: UM CAMINHO PARA A FELICIDADE NA VIDA MATRIMONIAL, SEGUNDO O PAPA FRANCISCO	
<i>Leila Maria Orlandi Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9492108024	
CAPÍTULO 5	43
A THEOTÓKOS DE VLADIMIR NA OBRA DE MARKO IVAN RUPNIK	
<i>Wilma Steagall de Tommaso</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9492108025	
CAPÍTULO 6	51
O “DEUS ACIMA DE TODOS” DO CONSERVADORISMO EM CONFRONTO AO DEUS CONOSCO DA LITERATURA BÍLICA	
<i>Philippe Villeneuve Oliveira Rego</i>	
<i>Pedro Vitor Fernandes Damião</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9492108026	
CAPÍTULO 7	58
O ENSINO RELIGIOSO E A SUSTENTABILIDADE NO COLÉGIO SANTA MARIA: APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA	
<i>Evaldo Apolinário</i>	
DOI 10.22533/at.ed.9492108027	

CAPÍTULO 8	69
O TRATADO VISUDHIMAGA – O CAMINHO DA PURIFICAÇÃO – DE BUDDHAGHOSA E A SUA CLÁSSICA TRIPARTIÇÃO DISCIPLINAR: <i>SĪLA</i> (VIRTUDE), <i>SAMĀDHI</i> (CONCENTRAÇÃO) E <i>PAÑÑĀ</i> (SABEDORIA)	
Otávio Augusto Diniz Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.9492108028	
CAPÍTULO 9	79
RICOEUR FACE À MORTE: A ATITUDE AGNÓSTICA E AS SUAS RAMIFICAÇÕES NA OBRA PÓSTUMA <i>VIVANT JUSQU'À LA MORT</i>	
René Armand Dentz Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9492108029	
CAPÍTULO 10	92
POESIA EM TEMPOS DE GUERRA	
Edson Munck Junior	
DOI 10.22533/at.ed.94921080210	
CAPÍTULO 11	100
PRINCÍPIO-REALIDADE E PRINCÍPIO-MISERICÓRDIA COMO MÉTODO TEOLÓGICO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.94921080211	
CAPÍTULO 12	107
SAÚDE E ESPIRITUALIDADE VOLTADAS PARA OS CUIDADOS DAS PESSOAS LGBTI+	
Maria Cristina Silva Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.94921080212	
SOBRE OS ORGANIZADORES	116
ÍNDICE REMISSIVO	118

RICOEUR FACE À MORTE: A ATITUDE AGNÓSTICA E AS SUAS RAMIFICAÇÕES NA OBRA PÓSTUMA *VIVANT JUSQU'À LA MORT*

Data de aceite: 01/02/2021

René Armand Dentz Junior

<http://lattes.cnpq.br/9826499587126884>

RESUMO: A obra póstuma *Vivant jusqu'à la mort* é composta por duas partes. A primeira contém dois documentos de arquivo: o primeiro intitulado "Até à morte. Do luto e da boa disposição" e o outro simplesmente "A morte". No primeiro, Ricœur reflete sobre o testemunho dado por Jorge Semprun da sua experiência do "sobreviver". Aí reflete-se a experiência pessoal do filósofo que acompanhou a sua esposa até à morte. "Exorcizar" o imaginário da morte é então uma forma de visar uma maneira de existir vivo e de "sobreviver" depois da morte do nosso ente querido. No segundo documento de arquivo, "A morte", desenvolvem-se especialmente duas linhas de reflexão sobre o imaginário da sobrevivência, no seio da abordagem "exorcista" invocada na primeira parte. E é nessas duas linhas para pensar o imaginário da sobrevivência – o desprendimento *perfeito* e o *imperfeito* – que se desenvolve o esforço ricœuriano visando uma difícil reconciliação entre o filosófico e o religioso ao pensar os seus limites respetivos, ou até a sua fronteira comum. Aquilo que aqui nos propomos fazer é elucidar esse esforço de reconciliação e colocar a questão da sua interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, Agnosticismo, Deus sem Absoluto, Imperfeito, Fronteira.

RICOEUR IN THE FACE OF DEATH: THE AGNOSTIC ATTITUDE AND ITS RAMIFICATIONS IN THE POSTHUMOUS WORK "VIVANT JUSQU'À LA MORT"

ABSTRACT: The posthumous work "Vivant jusqu'à la mort" is composed of two parts. The first contains two archival documents: the first entitled "Until death. Mourning and good mood" and the other simply "Death". In the first, Ricœur reflects on the testimony given by Jorge Semprun of his experience of "surviving". This reflects the personal experience of the philosopher who accompanied his wife to death. "Exorcising" the imaginary of death is then a way of aiming at a way of existing alive and "surviving" after the death of our loved one. In the second archival document, "A death", two lines of reflection are developed on the imaginary of survival, within the targeted "exorcist" invoked in the first part. And it is in these two lines to think the imaginary of survival – the perfect and imperfect detachment – that the Ricurian effort is developed, aiming at a difficult reconciliation between the philosophical and the religious when thinking about their respective limits, or even their common border. What we propose to do here is to elucidate this reconciliation effort and ask the question of its interpretation.

KEYWORDS: Death; God without Absolute; Finitude; Narrative; Memory.

1 | INTRODUÇÃO

Aquilo que surge quando Hamlet se encontra face à morte, é uma questão. A formulação pode até mudar mas, quando o homem se encontra cara a cara com a morte, a disposição de questionamento é quase uma constante. E como poderia esse questionamento não se encontrar na articulação entre, por um lado, uma experiência íntima e pessoal de vida e, por outro, uma especulação sobre noções muito mais gerais, como o que está para além da morte, ou a própria morte – ou, ainda, a sobrevivência? Essa articulação convida-nos a refletir sobre o uso da vida, sobre as formas de viver ou, ainda, sobre a questão da fé religiosa. Foi isso o que se passou com Ricœur: a sua obra *Vivo até à Morte*¹, deixada inédita por causa do desaparecimento do filósofo e que, por isso, só foi publicada após a sua morte, é um testemunho, graças às suas numerosas sugestões de pensamento, de um questionamento vivo que se manteve presente até aos últimos momentos de sua vida.

Para entrar nessa questão, precisamos de, em primeiro lugar, recordar que Ricœur tinha em geral o cuidado de, na sua obra escrita, traçar uma clara linha de demarcação entre a sua obra filosófica e a sua convicção confessional. A obra ricœuriana contém vários textos meditando sobre a distinção entre a hermenêutica bíblica e a hermenêutica filosófica². Contudo, nosso filósofo também sublinhava frequentemente o quão difícil e complexo é fixar essa fronteira³. Assim, a articulação entre o filosófico e o teológico acentua-se por volta dos anos 1990 e continua a ser feita até ao final da sua vida⁴. O desenvolvimento da questão dessa articulação não significa apenas o de considerações sobre a distinção e a independência dessas duas abordagens: pelo contrário, supõe também pensar as suas interseções, as quais definem limites ambíguos. Um dos temas de reflexão a propósitos dos quais Ricœur *experimenta* mais claramente esse duplo aspeto da articulação é o do ato de *filosofar*.

Em Ricœur esse ato está ligado a uma atitude *agnóstica*, como aparece claramente explicitado no prefácio de *Soi-même comme un autre*, publicado em 1990⁵. Pode-se considerar típica, no prefácio, a decisão de não integrar nesse livro (RICOEUR, 1990, p. 11) os dois últimos estudos das *Gifford Lectures* “Le soi mandaté” e “Le soi dans le miroir des écritures”, que tinham estado na base do livro. O pano de fundo dessa abordagem, o do rumor, do preconceito negativo que o atingira nos anos 1980, de ser um cripto-teólogo ou um filósofo cristão, terá sido uma das razões fulcrais na base dessa decisão. Tomando como exemplo a discussão com Bouchindhomme, Ricœur declara que “a fé no Deus da Bíblia não consta entre os pressupostos das minhas pesquisas filosóficas” e que se

1. Ricœur (2011). De ora em diante, referimo-nos a este livro como *VM*.

2. Veja-se Bühler e Frey, eds. (2011, pp. 7-12) e Gisel (2012, pp. 158-178).

3. Abel (2007).

4. Veja-se a “Note éditoriale” de Mongin em Ricœur (2006 [1994], p. 7-11), obra, *Lectures 3*, a que a partir de agora nos referimos como *L3*; Mongin (2003 [1994], pp. 200-2014) e Dosse (2017 [2008], caps. 51 e 52, pp. 507-530).

5. Ricœur (1996 [1990]). A partir de agora referimo-nos a este livro como *SA*.

encontra próximo da “filosofia protestante’ como filosofia sem absoluto” de Thévenaz⁶. O prefácio de *Soi-même comme un autre* reflete, sem dúvida, esse contexto⁷.

Em ligação com a proximidade entre Ricœur e o pensamento de Pierre Thévenaz, encontramos, ao longo dos anos 1990, uma série de afirmações semelhantes àquela que acabamos de mencionar. Elas são o testemunho de uma atitude *agnóstica* que será resumida de forma breve no “Fragmento 0 (1)”, um dos últimos escritos de Ricœur, e que viria a ser publicado em *Vivo até à morte*. Alguns desses fragmentos foram escritos, e depois postos de lado, desde 2004 até à morte do filósofo em 2005. Poderia parecer que esse fragmento não passaria de uma nota com pouca importância, se comparada com as grandes obras de Ricœur; porém, uma leitura atenta permite nele discernir uma retomada necessária e coerente do pensamento de Ricœur, face à questão da morte do si-mesmo. Esse curto texto poderia portanto ser lido como um dos últimos testemunhos de um pensamento, posto de lado para *nós, os leitores*. Assim, não poderá ele ser mesmo considerado como um convite a que se *releiam* as outras reflexões respeitantes à atitude agnóstica, e que se encontram nos textos dos anos 1990 e até *Vivo até à morte*?

Ler assim esse fragmento e “acompanhá-lo” com outros textos na nossa leitura é, forçosamente, proceder por conjeturas: com efeito, esses escritos póstumos, nos confins da filosofia, do testemunho e das notas pessoais, não foram editados pelo próprio Ricœur, o que deixa os leitores diante de numerosos questionamentos relativos àquilo em que se tornam os principais temas do pensamento ricœuriano nesses escritos inacabados. Nesse contexto de incerteza editorial, contentar-nos-emos, primeiro, em estabelecer a existência de alguns ecos, algumas ligações entre fragmentos cujo agrupamento é, no entanto, arbitrário. Será esse o ponto de partida da nossa reflexão.

Esses cruzamentos devem permitir trazer aqui à luz uma *filosofia sem absoluto* como pressuposto do pensamento do último Ricœur. Sobre essa base, ser-nos-á possível esclarecer o segundo documento de arquivo que citamos relacionando-o com a experiência do “sobreviver” em Semprun, bem como mostrar a influência de Whitehead e da *Process Theology* nas linhas de força do pensamento do último Ricœur sobre o imaginário da sobrevivência.

2 | A ATITUDE AGNÓSTICA EM RICŒUR. AS OBSERVAÇÕES SOBRE A ARTICULAÇÃO ENTRE O FILOSÓFICO E O TEOLÓGICO

No prefácio a *Soi-même comme un autre* Ricœur tem claramente o “cuidado” de “ter um discurso filosófico autônomo”; e, por outro lado, coloca entre parênteses as “convicções” que o fazem aderir à fé bíblica (RICOEUR, 1990, p.36). A autonomia do discurso filosófico, ligada a uma espécie de “ascetismo do argumento” leva a obra filosófica ricœuriana a

6. Bouchindhomme e Rochlitz (eds.) (1990).

7. A propósito de outro contexto, veja-se Vincent (2009, p. 263).

uma filosofia cuja “nomeação efetiva de Deus está ausente e na qual a questão de Deus, enquanto questão filosófica, permanece ela própria num estado de suspensão que podemos dizer ser agnóstico”(Ibid, p. 38). Esse “ascetismo” da autonomia do discurso filosófico equivale a colocar em prática a recusa de misturar os gêneros. A suspensão “agnóstica” não é uma atitude estática. Pelo contrário, contém em si uma oscilação interna emanando da relação com a fé bíblica. A articulação entre o filosófico e o teológico não é, assim, só determinada por causas exteriores, como o preconceito ou o debate mas, pelo contrário, provém também de uma justaposição que é intrinsecamente conflitual⁸. E o aspeto duplo – interior e exterior – dessa articulação também apresenta o esquema do polo “questão-resposta” ou “apelo-resposta” ao nível do discurso. O “cuidado” ricœuriano de manter um discurso autônomo revela serem difíceis e complexos os limites entre os dois registos, sendo a atitude agnóstica essencial ao íntimo do *filosofar*.

Tendo em conta o “cuidado” ricœuriano como colocação em prática da sua motivação de não misturar os gêneros, nota-se aí um esforço fiel para manter a sua palavra e Ricœur sublinha-o ao utilizar a palavra “promessa”(RICOEUR, 1995, p. 140)⁹. Ela atesta que o estilo filosófico ricœuriano nunca separa duas dimensões da condição humana, a da fala e a da ação (RICOEUR, 2007, p. 7). Esse estilo significa um ato de responsabilidade para manter o si-mesmo em todas as circunstâncias através da obra escrita. O carácter do engajamento está implicitamente compreendido no prefácio a *Soi-même comme un autre*.

Sendo assim, a correlação recíproca entre os dois esquemas “questão – resposta” e “apelo – resposta” está com certeza ligada a uma oscilação interna, verificada em *Réflexion faite*. Ela reporta-se, diz Ricœur, à “questão da relação conflitual-consensual entre a minha filosofia sem absoluta e a minha fé bíblica, a qual se sustenta mais em exegese do que em teologia” (RICOEUR, 1995b, p. 82)¹⁰. Essa relação conflitual-consensual apresenta um duplo aspeto: um é o da “minha filosofia sem absoluto” como metodologia ricœuriana. O possessivo “minha” é a afirmação do engajamento. O outro é o do apego à convicção resultando de “uma fé bíblica, a qual se sustenta mais em exegese que em teologia”. Por um lado, a relação conflitual entre a fé e a argumentação filosófica leva à autonomia do discurso filosófico. Por outro lado, a relação consensual reside no fato da própria investigação filosófica ser confirmada indiretamente pela fonte não filosófica, a qual é uma fé enraizada no nascimento e na cultura. Este último ponto leva-nos a abordar o pensamento especulativo: o gesto de investigação filosófica nos limites da razão encontra-se retomado numa reflexão da convicção sobre si-mesma, numa espécie de movimento interpretativo circular.

Aquilo que está implicado nas observações sobre a articulação entre o filosófico e o teológico é, primeiro, a dualidade da atitude agnóstica entre a autonomia do discurso filosófico, para evitar a confusão de gêneros, e a correlação recíproca entre dois discursos, a qual traz a relação conflitual-consensual ao fundo íntimo ricœuriano.

8.L3, p. 7.

9. Livro referido como CC.

10. Livro referido como RF.

Ao focar-se na observação de Pierre Thévenaz feita por Ricœur, a atitude *agnóstica* apoia-se na ideia de uma *filosofia sem absoluto*.

3 | A FILOSOFIA SEM ABSOLUTO DE PIERRE THÉVENAZ EM RICŒUR

Em Thévenaz, na via da busca de uma “filosofia protestante”¹¹ a “filosofia sem absoluto” não é uma filosofia ateia ou anti-cristã¹². Ela consiste antes no encontro entre a razão filosófica e a “experiência-choque” do anúncio cristão. Nessa experiência-choque, a sabedoria humana é qualificada como sendo a da loucura perante Deus. Dessa maneira, inaugura-se uma reflexão filosófica que põe o homem a descoberto. Essa reflexão leva à conversão filosófica da razão absoluta, ligada a Deus, na razão humana perante Deus. A razão desabsolutizada e destotalizada, saindo do seu autismo, é “autônoma” em relação a Deus, uma vez que a meditação da experiência cristã mais não é que humana¹³. Ela tem a ver com a experiência cristã que torna possível a autonomia da filosofia. A *filosofia sem absoluto* é, portanto, a filosofia fora do autismo de uma razão *humana* perante Deus.

Através desse tema thévenaziano, a atitude agnóstica de Ricœur foi formulada no artigo “Un philosophe protestant: Pierre Thévenaz”¹⁴. Ricœur toma de Thévenaz a ideia de uma “filosofia responsável perante Deus” (RICOEUR, 2007, p. 246). É com a responsabilidade da inteligência que o filósofo deve responder, de acordo com uma polaridade de apelo e resposta, através do próprio ato filosófico.

Contudo, nesse mesmo artigo, que foi um prefácio a Thévenaz, Ricœur observa e interroga: “O crente confessa a sua responsabilidade de filósofo perante Deus; mas será que o filósofo sabe que está perante Deus?” (*Ibid*, p. 248). Em seguida, avança que “a questão que a filosofia de Pierre Thévenaz nos coloca é a de saber se uma filosofia protestante é somente uma filosofia redutora, iconoclasta” (*Ibid*, p. 259). A noção de limite e a de conversão ao para cá [*l'en deçà*] são assim formuladas por Ricœur. Ele conhecia bem a fraqueza argumentativa de Thévenaz, e que estava ligada à radicalidade do “perante Deus” que ele colocava. Essa fraqueza era a de saber em que medida o “perante Deus” ainda faz parte da reflexão filosófica. Assim, a questão de como o filósofo sabe estar “perante Deus”. Com Ricœur, podemos perguntar-nos se “a conversão do divino à humanidade pode colocar a mesma dúvida se o ‘perante Deus’ não pertence à reflexão enquanto tal. Assim, o traço *agnóstico* ricœuriano encontra-se formulado pelas suas questões sobre o “perante Deus” de Thévenaz.

Essa preocupação, a qual perseguiu Ricœur durante muito tempo, reaparece tardiamente com um eco thévenaziano, no “Fragmento 0 (1)”, um dos últimos escritos de Ricœur, publicado em *Vivo até à morte*:

11. Veja-se Thévenaz (1950, pp. 136-137) e Thévenaz (1960), livro a partir de agora designado como *CR*.

12. Veja-se Jervolino (2004, p. 183) e Jervolino (2011, p. 247).

13. *Ibid.*, p. 169.

14. *L3*, pp. 246-247.

Não sou um filósofo cristão, como afirma o boato que corre sobre o assunto, num sentido pejorativo, ou mesmo discriminatório. Sou, por um lado, um filósofo enquanto tal, até um filósofo sem absoluto, preocupado, dedicado e versado na antropologia filosófica (RICOEUR, 2007, p. 85).

A expressão “um filósofo sem absoluto” é a auto-designação de uma identidade conflitual que reúne as duas partes daquele que se apresenta como filósofo e como cristão, e que parece ser um dos motivos que lhe permitem escrever. Afirma não ser um “filósofo cristão” e contradiz essa qualificação, à qual nega qualquer pertinência. A sua refutação desse preconceito diz respeito a um conflito íntimo, e não a uma controvérsia particular. Por um lado, essa investigação é sustentada por uma atitude agnóstica tendo em conta a autonomia do discurso filosófico. Por outro lado, ela é sustentada pela motivação de dar razão da fé enquanto fonte não filosófica. A ideia de um “cristão de expressão filosófica” estabelece um limite à fonte não filosófica, a distinção entre o filósofo profissional e o cristão filosofante, explicitando assim a afirmação segundo a qual isto configuraria uma “situação esquizoide”. Essa situação *humana* paradoxal na polaridade entre ser filósofo e ser cristão designa assim um conflito interno, primeiro de conflito, depois de contradição e, finalmente, de consentimento. A característica “dinâmica” é a relação dialógica e conflitual entre os dois polos que visam o esforço existencial, e o momento existencial que mobiliza a sua força motriz elabora especulativamente a sua adesão primordial à vida, às palavras, à morte de Jesus. A adesão suscita o cuidado de dar razão disso, de avançar o melhor argumento nas situações de confronto. No entanto, essa mobilização da competência filosófica não retira a liberdade de pensamento, nem a sua autonomia.

A autonomia do discurso filosófico coloca a ênfase na autossuficiência da pesquisa filosófica e da estruturação do próprio discurso. Os “sofrimentos” designam a dificuldade de reconciliação: o esforço por manter incessantemente a autonomia do discurso filosófico, sem o confundir com a fé bíblica, por vezes causa uma contradição. As “pequenas felicidades” significam talvez um estado de equilíbrio, de consentimento ao que existe. A fé bíblica independente é preservada do ato livre de filosofar mas, no entanto, essas duas esferas são mantidas em tensão. A expressão ricœuriana “filósofo sem absoluto” não indica apenas a afirmação da atitude agnóstica, ela situa-se também no outro polo da identidade conflitual do “cristão de expressão filosófica”. Essa tensão conflitual íntima é o processo de abrir incessantemente uma via para a autossuficiência da pesquisa filosófica, confirmado indiretamente pela motivação de dar razão da fé bíblica. A expressão “sem absoluto” é um estado do ato inacabado do *filosofar* diante da fronteira.

A recepção ricœuriana da obra de Pierre Thévenaz incarna-se na resistência existencial daquele que procura estar plenamente vivo até ao último momento¹⁵. A atitude *agnóstica* em Ricœur é, por assim dizer, revelada na relação que fabrica com uma forma de viver perante a necessidade da morte de si-mesmo¹⁶. Neste fragmento, e mediante o desvio

15. Yamada (2014).

16. A recepção da “filosofia sem absoluto” em Ricœur é, parece-nos, um desenvolvimento isolado ou um encontro

imposto pelo face-a-face com a morte, indica-se implicitamente uma ligação tão importante como aquela que pode existir entre a atitude agnóstica e a “antropologia filosófica”. A “filosofia sem absoluto” é a conversão da razão humana perante o Infinito. Ainda que Ricœur diferencie a atitude que se posiciona perante Deus daquela que se posiciona perante a morte, ele sugere que elas partilham um solo comum: a do pensamento humano *perante* o limite. O *perante* é o espaço mas também o momento da reflexão desenvolvida através da experiência do limite, reflexão que até pode incidir sobre o próprio conceito de limite. Aquilo que está envolvido nessas duas atitudes remete para questões que não pedem uma resposta plena, como é o caso das que se interrogam sobre Deus ou sobre a sobrevivência após a morte. Essas questões *sub-liminares* reenviam elas próprias, nos textos de Ricœur, para interrogações cujo domínio é confinado pela finitude humana. Assim, a experiência da fronteira orienta-nos para o pensamento do viver “bem” ou da realização da vida perante a morte. É sem dúvida porque a morte é então vista a partir do seu aspeto de concretude, a qual, por seu lado, também questiona o nosso concreto.

4 | A NECESSIDADE DA MORTE EM *LE VOLONTAIRE ET L'INVOLONTAIRE*

Esperando que a coerência entre a atitude *agnóstica* e a antropologia filosófica tenha ficado bem estabelecida, voltamo-nos agora para o tema da *finitude* humana em *Le volontaire et l'involontaire*, livro publicado em 1950¹⁷. Com efeito, o projeto inicial da poética da vontade assume implicitamente o seu sentido no quadro de uma *antropologia filosófica* que questiona os “confins do homem”¹⁸ ao orientar o nosso olhar para o sujeito e para a *Transcendência*. As últimas palavras deste livro “querer não é criar” (RICOEUR, 2009, p. 605). não foram só premonitórias em relação ao abandono ulterior deste projeto. Elas eram também uma espécie de ascese da reflexão. Perante a necessidade da morte e a tristeza do finito, a vontade oscila na dialética entre a recusa e o consentimento. E essa oscilação percorre um caminho que leva, depois dos estádios do consentimento imperfeito e do consentimento hiperbólico, a um consentimento segundo a esperança. Esse consentimento chega a uma *liberdade meramente humana* em relação às ideias-limite (*Ibid*, p. 574). Foi chegando ao pressuposto dessa relação que se fez a receção ricœuriana de Thévenaz.

Os confins do homem são tematizados juntamente com a finitude *humana* e com a ideia da morte. E é o entrelaçamento entre esses dois últimos temas que seguramente constitui a unidade da primeira parte de *Vivo até à morte*: “Até à morte. Do luto e da boa disposição”.

contingente com “o homem por inteiro” que Thévenaz invoca: “O problema não é o do homem a braços com a sua fé e a sua razão, do homem perante a sua razão e a sua fé, e sendo capaz de arbitrar esse conflito. Ele é o do homem por inteiro, com a sua razão e a sua fé, crendo e raciocinando, perante Deus.” Thévenaz, “La situation du croyant philosophe” in *HR 1*, 243.

17. Ricœur (2009 [1950]). Livro doravante designado como *PV 1*.

18. “Uma filosofia do sujeito e uma filosofia da Transcendência, a qual, em última instância, é a filosofia dos confins do homem”. Ricœur, *PV 1*, p. 584. Veja-se também Ricœur (2013, p. 18).

Ricœur esclarece que a morte do outro introduz, de forma imperfeita, a nossa própria mortalidade. Ainda que parcialmente, é a isso que ela leva, através da tripla experiência do funeral, do cadáver e daquele que morre [*mourant*]. Sobretudo, na experiência de assistir a quem morre, a *agonia* não é, aos olhos de Ricœur, o fim, mas a luta pelo fim, em direção ao fim. Aquele que não é quem morre desempenha aqui um papel crucial: deve participar nessa experiência, ajudando o *moribundo* a lutar: deve assistir o morto, e não assistir à morte.

Estes temas, da recusa da morte antecipada e da participação na luta com o moribundo são retomados e aprofundados no texto “Até à morte. Do luto e da boa disposição” sobre o qual nos debruçaremos agora.

4.1 Ainda vivo. O moribundo e o agonizante em “Até à morte. Do luto e da boa disposição”

A meditação sobre a morte acaba por resultar numa hesitação entre dois polos. O primeiro caracteriza-se “pela necessidade e dificuldade de fazer o luto de um querer-existir depois da morte” (*Ibid*, p. 33). O segundo pela boa disposição juntamente com a graça esperada de existir vivente [*exister vivant*] até à morte. O cuidado de “existir vivente até à morte” reporta-se à vivência pessoal do filósofo, a qual ficou marcada pela doença degenerativa da sua esposa. A meditação sobre a morte pressupõe a necessidade e a dificuldade de “fazer o luto”. Efetivamente, nota-se em Ricœur uma oscilação interna a propósito da aceitação da morte. Esse *trabalho de luto* incide sobre a tarefa mínima da reflexão filosófica: a clarificação conceitual que, quando reflete sobre o estatuto dos mortos, assume um “valor terapêutico”. O esforço ricœuriano dedica-se a “exorcizar” a interrogação sobre o que será dos mortos e sobre o seu investimento afetivo. O questionamento filosófico é então exercitado a propósito da antecipação interiorizada da morte em si mesma como “agonia antecipada”.

Ricœur introduz, em primeiro lugar, a distinção entre o “agonizante” e o “moribundo” para se livrar da antecipação interiorizada. É a partir do testemunho de Lucie Hacpille, médica de cuidados paliativos, que essa distinção se opera. De acordo com a médica, os doentes prestes a morrer não têm a percepção de si mesmos enquanto “moribundos”, isto é, como quem vai morrer daí a pouco mas antes como “ainda vivos”, ainda que mais não estejam que a alguns minutos do seu falecimento. Para o “agonizante”, “ainda estar vivo” significa a emergência da mobilização dos recursos mais profundos da vida, que lhe permitem ainda se afirmar. Ela é, por assim dizer, o “Essencial” na trama do tempo da agonia. Esse “Essencial” que é, em certo sentido, o religioso, ou *o religioso em comum*, o qual transgride as limitações consubstanciais ao religioso confessional e confessado no limiar da morte. Por outras palavras, esse momento de mobilização é um momento de graça interior. Na entrevista que dá em *La critique et la conviction* esse momento é, aliás, designado como sendo o “fundamental”. Ele remete para a aparição da “coragem de estar

vivo até à morte” quando a vida se escreve, face à morte, com um V maiúsculo. Contudo, pensar esse momento e a sua força, é também correr o risco de resvalar para a literatura sobre as experiências mística: por isso mesmo, é preciso saber simultaneamente dar mostras de alguma desconfiança, enquanto se acolhe a graça interior de um determinado morrer.

Ricœur analisa de seguida o “olhar” da “compaixão” daqueles que lutam juntamente com o agonizante e os que o acompanham até à morte (RICOEUR, 2007, p. 41). Esse “olhar” diferencia-se daquele que vê o agonizante como um moribundo que em breve deixará de viver. Não é também o do espectador que já se adianta à morte: esse “olhar” também vê o agonizante como “ainda vivo”. Também ele faz um apelo aos recursos mais profundos da vida, como se fosse levado pela emergência do “Essencial” na sua vivência de ainda-vivente. A “compaixão” não significa aqui somente o “sofrer-com” mas também o “lutar-com” e o “acompanhamento” (*Ibid*). Ela torna possível a partilha de um movimento de transcendência íntima. Ricœur desenvolve, de forma bastante fina, o “acompanhamento” do “agonizante” como “amizade no morrer acompanhado” (*Ibid*) através da sua leitura de *L'écriture ou la vie* de Jorge Semprun (*Ibid*).

4.2 Amizade no morrer acompanhado. Dar e receber

Jorge Semprun testemunhou amiúde, na sua obra escrita, a experiência dos campos de concentração na qual acompanhou, por exemplo, a morte de Maurice Halbwachs no bloco dos agonizantes de Buchenwald em 1944. Descreve assim a agonia de Halbwachs: “Ele sorria, ao morrer, o seu olhar em mim, *fraternal*”. E: “Eu tinha tomado a mão de Maurice Halbwachs, que não tinha tido força suficiente para abrir os olhos. Tinha só sentido uma resposta dos seus dedos, uma pressão ligeira: uma mensagem quase *imperceptível*” (*Ibid*, p. 28). Ricœur lê nesse texto um momento de “amizade no morrer acompanhado” mostrando os sinais mais frágeis e indelévels do “dar-receber” (*Ibid*).

O “dar-receber” é um conceito criado por Peter Kemp¹⁹ e retrabalhado em *Soi-même comme un autre*²⁰ em 1990. Kemp insiste no fato de que “quem está a morrer ainda se pode dar a si-mesmo aos outros e, assim, participa – ‘até ao último momento’ – na prática comum de dar e receber que faz a felicidade” (KEMP, 1987, p. 77). Ricœur desenvolve esse conceito no sentido de uma troca recíproca entre a “estima de si” que visa a vida boa e a “solicitude” por outrem. A ligação entre o si-mesmo e o outro é assim içada até à ideia de “insubstituabilidade”. Essa ideia torna fundamentalmente equivalentes a estima do “outro como eu mesmo” e a estima do “si-mesmo como um outro”. O “dar-receber” está ligado à “amizade mútua” que funda o desejo partilhado de viver-em-comum em *Soi-même comme un autre*.

19. Kemp (1987, p. 77). Livro doravante designado como *EM*.

20. *SA*, p. 313.

Na obra póstuma que aqui estamos a analisar, Ricœur aborda os últimos momentos partilhados entre o agonizante e quem o acompanha. Os seus “olhares” cruzam-se, numa relação de dignidade humana. Ao “olhar” da “compaixão” que vê o agonizante como ainda estando a viver, responde o “olhar” do agonizante, “fraternal”. Esse cruzamento opera uma “fusão entre a compreensão e a amizade”. A compreensão é aqui a simpatia para com o viver que se termina e o recurso que faz ao “Essencial”. A amizade ajuda o agonizante mas também a própria compreensão. A mensagem quase “impercetível” deixada por Halbwachs a Semprun é da ordem do não-narrativo²¹. E é também um testemunho do afloramento do “Essencial”.

4.3 Sobreviver e o valor terapêutico

Finalmente, Ricœur reflete sobre o testemunho dado por Jorge Semprun da sua experiência de “sobreviver”. No autor de origem espanhola, essa experiência equivale a escolher a vida contra a própria escrita, para poder, um dia, escrever e viver. Com efeito, Semprun teve de passar por um período de afasia, no quadro de uma estratégia de amnésia voluntária (*Ibid*, 236). Contudo, depois disso, esforçou-se por enfrentar a memória da morte através do interminável trabalho de ascese constituído pela escrita. A escrita permite desprender-se de si-mesmo enquanto se retoma a si-mesmo; ela é, ao mesmo tempo, uma forma de se tornar si-mesmo. Ricœur via nela o espaço de um acordo para a reconciliação ao serviço da memória da morte. Escrever também é uma maneira de reconhecer os outros: através da compaixão a escrita acolhe a perda dos próximos e transforma os seus traços de vida em memória. O trabalho da memória consiste em aceitar a morte dos próximos: é, portanto, um “trabalho de luto” que é também um percurso do “sobreviver”. Para ele, “sobreviver” é “um longo trajeto, no melhor dos casos do luto, isto é, da separação assumida do defunto que se afasta, se separa do vivente para que este sobreviva” (*Ibid*, p. 38). É essa convicção que dá a Ricœur a motivação profunda para escrever a primeira parte da sua obra póstuma, que incide sobre o “valor terapêutico”. A experiência pessoal do filósofo, que acompanhou a sua mulher até à morte, é aí refletida. “Exorcizar” o imaginário da morte torna-se então visar uma maneira de *continuar vivo* e *sobreviver* após a morte do ente querido. Por outras palavras, aquilo que é específico do percurso do *sobreviver* é deixar traços de vida aos outros sobreviventes. E esse ponto de vista, o de deixar traços de vida aos outros sobreviventes, é ainda expandido na segunda parte, intitulada “A morte”.

Gostaríamos de sublinhar os ecos consideráveis que existem entre a observação sempruniana relativa à “experiência da vida” e este percurso ricœuriano do “sobreviver”. Em Semprun, uma palavra espanhola, que não tem equivalente em francês, permite captar completamente a vida como experiência de si mesma, a *vivencia* (*Ibid*). Traduzir essa palavra em francês obriga a recorrer a perífrases. A opção de traduzir esta palavra em francês escolhendo a palavra *vécu* [*vivido*] é aproximativa e contestável: orienta a compreensão desta noção para o passivo e o passado, ainda que, para Semprun, a “experiência da

21. Veja-se Porée (2013, p. 45).

vida”, aquela que a vida faz de si-mesma, a experiência do si-mesmo enquanto vive a sua vida, reenvie sempre para algo de ativo e presente. A *vivencia* de Semprun “alimenta-se do passado para se projetar no futuro” (*Ibid*). Ora, a afirmação ricœuriana do “permanecer vivo até à morte” implica precisamente uma coincidência entre a experiência da vida, que “se alimenta do passado para se projetar no futuro” e o percurso do “sobreviver” que deixa traços de vida aos outros sobreviventes. O “permanecer vivo até...” é solidário de um “permanecer *sobrevivendo* até...”, através do apelo da amizade no morrer do ente querido que está a ser acompanhado. A experiência do sobreviver descreve então um desvio, à maneira de uma perífrase.

5 | CONCLUSÃO

Em Ricœur, o último momento é captado sob o aspeto da vida, e não da mortalidade. A aparição da mobilização dos recursos mais profundos da vida, no projeto vital de ainda se afirmar, apela em nós à coragem de se estar vivo até à morte. No limiar da morte – ou, por outras palavras, à beira da finitude humana – a vontade de viver resiste à morte antecipada e anterior. A amizade mútua no morrer permite partilhar o desejo de viver-em-comum. Ela é, por assim dizer, o reconhecimento mútuo que atesta a invidável existência viva daquele que nos é próximo. Através dela, a vida que outrora existiu fica gravada e é transmitida como um traço, naquele que acompanhou o morrer.

Essa assistência não é uma denegação da separação da morte: a morte do ser amado é, de fato, qualificada por Ricœur como sendo um fim, aquilo que é irreparável. Para o filósofo, é a morte na segunda pessoa que ilustra verdadeiramente a morte como lei da espécie. O morto está ausente e desaparece; é definido como aquele que já não responde. A experiência da morte do outro como evento final indica a morte de qualquer coisa em mim, mas não a do outro em mim; e ela também não prefigura apenas a minha própria morte. Se o amor ainda se encontra no sobrevivente que sofre, é precisamente porque ainda permanece, quando o outro já partiu. Mesmo a morte daquele, por entre os outros, que me era mais precioso vai para lá de qualquer eco em mim. A morte do outro não nos dá, por si só, acesso à experiência antecipada da morte; ela apenas nos revela a sua necessidade empírica. A experiência antecipada é, por sua vez, a quase-experiência do evento de morrer.

Em suma, aquilo que se encontra em Ricœur é mais um pensamento apropriado para transformar a convicção pessoal que é a certeza do dever-morrer. Com efeito, para Ricœur, a morte permanece estranha – não se pode viver totalmente, nem ser totalmente refletida na vida ou através dela.

REFERÊNCIAS

- Abel, O. (2007). Remarques sur l'articulation philosophie-théologique chez Paul Ricœur. *Transversalités*, 101 (janvier-mars), 19-26.
- Bouchindhomme, C. e Rochlitz, R. (1990). *Temps et récit de Paul Ricœur en débat*. Paris: Cerf.
- Dosse, F. (2017 [2008]). *Paul Ricœur. Os sentidos de uma vida (1913-2005)*. Tradução de R. R. Lauxen, G. Marcelo, H. Barros e A. Bruzzone. São Paulo: Editora LiberArs.
- Gisel, P. (2012). Du monde et des corps, et d'un travail des textes et des institutions. Paul Ricœur et la question du théologique. In P. Gisel *Du religieux, du théologique et du social. Traversées et déplacements* (158-178). Paris: Cerf.
- Hartshorne, C. (1941). *Man's Vision of God and the Logic of Theism*. Chicago and New York: Willet, Clark & Co.
- Hartshorne, C. (1984). *Omnipotence and other Theological Mistakes*. Albany, NY: SUNY Press.
- Hartshorne and Reese (Eds.) (1963). *Philosophers Speak of God*. Chicago: University of Chicago Press.
- Jervolino, D. (2004). Entre Thévenaz et Ricœur: la "philosophie sans absolu". In P. Capelle, G. Hébert e M. D. Popelard (Eds.), *Le souci du passage. Mélanges offerts à Jean Greisch* (180-190). Paris: Cerf.
- Jervolino, D. (1998). La poétique retrouvée de Paul Ricœur. In J. A. Barash e M. Delbraccio (Eds.), *La sagesse pratique. Autour de l'oeuvre de Paul Ricœur* (31-43). Amiens: Centre Régional de Documentation Pédagogique de l'Académie d'Amiens.
- Jervolino, D. (2011). Pierre Thévenaz (1913-1955). La philosophie sans absolu d'un "croyant philosophe". In J. Greisch e G. Hébert (eds.) e P. Capelle-Dumont (dir.), *Philosophie et théologie à l'époque contemporaine, Anthologie, t. IV* (247-256). Paris: Cerf.
- Jonas, H. (1994). *Le concept de Dieu après Auschwitz. Une voix juive*. Trad. P. Ivernel, posf. C. Chalié. Paris: Rivages poche Petite Bibliothèque.
- Kemp, P. (1987). *Éthique et médecine*. Paris: Tierce-Médecine.
- Mongin, O. (2006 [1994]). Note éditoriale. In P. Ricœur, *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie* (7-11). Paris: Seuil (Points Essais). [L3]
- Mongin, O. (2003 [1994]). *Paul Ricœur*. Paris: Seuil (Points Essais).
- Parmentier, A. (1968). *La philosophie de Whitehead et le problème de Dieu*. Thèse principale pour le doctorat ès-Lettres, présentée à la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Paris-Nanterre. Paris: Beauchesne.
- Porée, J. (2013). Les limites du récit. *Études Ricœuriennes / Ricœur Studies*, vol 4. no. 2, pp. 38-49.
- Ricœur, P. (2013). *Écrits et conférences: tome 3, l'anthropologie philosophique*. Paris: Seuil.

Ricœur, P. (1995a). *La critique et la conviction. Entretien avec François Azouvi et Marc de Launay*. Paris: Calmann-Lévy. [CC]

Ricœur, P. (2006 [1994]). *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*. Paris: Seuil (Points Essais). [L3]

Ricœur, P. (2007). Le tragique et la promesse. In *Paul Ricœur philosophe de tous les dialogues*. Macromedia, CFRT.

Ricœur, P. (2009 [1950]). *Philosophie de la volonté 1. Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Seuil (Points Essais).

Ricœur, P. (1995b). *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle*. Paris: Éditions Esprit.

Ricœur, P. (1996 [1990]). *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil (Points Essais). [SA]

Ricœur, P. (2011). *Vivo até à Morte seguido de Fragmentos*. Prefácio de O. Abel, Postácio de C. Goldenstein, tradução e notas de H. Barros e G. Marcelo. Lisboa: Edições 70. [VM]

Semprun, J. (1994). *L'écriture ou la vie*. Paris: Gallimard.

Thévenaz, P. (1956). *L'homme et sa raison. I Raison et conscience de soi*. Neuchâtel: Baconnière. [HR]

Thévenaz, P. (1960). *La condition de la raison philosophique*. Neuchâtel: Baconnière.

Thévenaz, P. (1950). L'affrontement de la philosophie et du christianisme. *Verbum Caro IV*, pp. 129-137.

Vincent, G. (2009). "Encore vivants", Exorciser l'imaginaire de la mort, selon Paul Ricœur". In D. Frey e K. Lehmkühler (Eds.). *Soins et spiritualités, Regards de praticiens et de théologiens* (227-268). Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agnosticismo 79

Arte Sacra 43

B

Buddhaghosa 11, 69, 70, 71, 72, 78

C

Comunidades Tradicionais 25, 26, 27, 28, 30

Conjugal 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41

Cuidar 39, 64, 67, 107

D

Diversidade Étnica 25, 29

Divino-Humanidade 43

E

Educação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 25, 27, 28, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 110, 114, 116, 117

Ensino Religioso 27, 29, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

Epistemologia 100, 105

Espiritismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15

Espiritualidade 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 65, 66, 67, 105, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115

G

Geografia da Religião 25, 27

Guerra 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 106

I

Imperfeito 79, 85

L

Literatura Bíblica 51, 52, 55

M

Método 71, 100, 102, 105, 106

Morte 4, 10, 11, 12, 47, 48, 49, 56, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 97, 103, 104, 105, 111, 113

Murilo Mendes 92, 93, 94, 95, 96

N

Neopentecostais 17, 19, 21, 22, 54

P

Pentecostais 17, 19, 21, 22, 23

Poesia 11, 92, 93, 94, 95, 99

Políticas Públicas 17, 19, 21, 22, 23, 107, 108

R

Respeitar 66, 67, 107

S

Sagrado 12, 15, 25, 27, 31, 40, 46, 92

Saúde 56, 67, 101, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115

Sustentabilidade 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

T

Teologia 25, 32, 43, 51, 62, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 113, 116, 117

Teologia da Libertação 100, 102, 106

Theravāda 69, 70, 71, 72, 73, 77

V

Visuddhimagga 69, 70, 77, 78

Ampliação e Aprofundamento dos Conhecimentos Teológicos das Religiões

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Ampliação e Aprofundamento dos Conhecimentos Teológicos das Religiões

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br